

MORFOLOGIA URBANA DE NHAMUNDÁ (AM): SÍTIO, SITUAÇÃO E SISTEMAS TERRITORIAIS

Estevan Bartoli¹

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar a morfologia urbana de Nhamundá (AM) relacionando aspectos de sítio às diversas relações tecidas pelos principais sistemas territoriais. Inicialmente descreve-se como a base física municipal e a posição da sede em relação à rede urbana regional condicionam dinâmicas de distribuição da população, usos do solo e redes urbanas em Nhamundá. O segundo item aborda como a circulação fluvial, a centralidade comercial e os principais sistemas territoriais locais da economia popular (modelo analítico do Sistema Territorial Urbano-ribeirinho) inserem Nhamundá nas redes urbanas do Amazonas e Pará. O terceiro item apresenta resultados e discussões relativos aos elementos da morfologia urbana: evolução do plano e relações com o sítio urbano e a fisionomia urbana. Conclui-se que aspectos do relevo municipal e do sítio são condicionantes no desenvolvimento da situação de Nhamundá, cuja morfologia urbana é modelada partir da dinâmica de seus sistemas territoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Sítio; Situação; Sistemas Territoriais; Morfologia; Redes Urbanas.

URBAN MORPHOLOGY OF NHAMUNDÁ (AM): PLACE, SITUATION AND TERRITORIAL SYSTEMS

ABSTRACT: The aim of the article is to analyze the urban morphology of Nhamundá (AM) by relating aspects of the site to the various relationships woven by the main territorial systems. Initially it is described how the municipal physical base and the position of the headquarters in relation to the regional urban network condition dynamics of population distribution, the land use and the urban networks in Nhamundá. In the second item we discuss how the river circulation, the commercial centrality and the main local territorial systems of the popular economy (analytical model of the Urban-riverside Territorial System) insert Nhamundá in the urban networks of Amazonas and Pará. In the third item we present results and discussions, describing elements of urban morphology: evolution of the plan and relations with the urban place and the urban physiognomy. It is concluded that aspects of the municipal physical base and place are conditioning factors in the development of the situation in Nhamundá, whose urban morphology is modeled from the dynamics of its territorial systems.

¹ Doutor em geografia pela UNESP. E-mail: ebartoli11@gmail.com.

KEYWORDS: Site; Situation; Territorial Systems; Morphology; Urban Networks.

MORFOLOGÍA URBANA DE NHAMUNDÁ (AM): SITIO, SITUACIÓN Y SISTEMAS TERRITORIALES

RESUMEN: El objetivo del artículo es analizar la morfología urbana de Nhamundá (AM) relacionando aspectos del sitio con las diversas relaciones tejidas por los principales sistemas territoriales. Inicialmente describimos cómo la base física municipal y la posición de la sede en relación con la red urbana regional condicionan la dinámica de la distribución de la población, el uso del suelo y las redes urbanas en Nhamundá. En el segundo ítem, discutimos cómo la circulación fluvial, la centralidad comercial y los principales sistemas territoriales locales de la economía popular (modelo analítico del Sistema Territorial Urbano-riberaño) insertan a Nhamundá en las redes urbanas de Amazonas y Pará. En el tercer ítem, presentamos resultados y discusiones, describiendo elementos de la morfología urbana: evolución del plan y relaciones con el sitio urbano y la fisionomía urbana. Se concluye que los aspectos del relieve municipal e sitio son factores condicionantes en el desarrollo de la situación de Nhamundá, cuya morfología urbana se basa en la dinámica de sus sistemas territoriales.

PALABRAS CLAVE: Sitio; Situación; Sistemas Territoriales; Morfología; Redes Urbanas.

INTRODUÇÃO

Embora haja consenso no ambiente acadêmico nacional sobre a importância do entendimento do fenômeno urbano e das rápidas transformações nas cidades para a Amazônia, tais discussões são ainda escassas nas formulações de políticas públicas e nas propostas diversas de desenvolvimento regional. Esse aspecto é preocupante, pois as cidades na Amazônia são nódulos estratégicos do ordenamento territorial, influenciando a formação de diversos circuitos econômicos embasados no uso de recursos regionais, mediados por populações diversificadas, com saberes, demandas e práticas espaciais (territorialidades) variadas. Mais preocupante ainda é o fato de que a qualidade desses ambientes urbanos tem ficado aquém das necessidades básicas das populações. Infraestrutura que atenda especificidades locais, qualidade e planejamento dos

espaços públicos e adaptação da forma urbana aos processos sociais, são alguns temas que merecem atenção urgente.

O presente artigo objetiva analisar a morfologia urbana de Nhamundá (AM) relacionando os aspectos do relevo municipal e sítio urbano à situação da sede municipal. São consideradas as relações escalares tecidas pelas principais redes de sujeitos locais, sendo interpretadas como sistemas territoriais.

A partir do objetivo principal, três objetivos específicos se desdobram em subitens que estruturam o texto. O primeiro item descreve como aspectos físicos municipais, o sítio urbano e a posição da sede em relação à rede urbana regional condicionam o tipo de uso do solo e a distribuição da população, concentrando a maior parte da circulação e dos aglomerados humanos (rurais e urbanos) na faixa sul municipal. Os procedimentos metodológicos seguem a proposta presente em Bartoli (2017, 2018a, 2018b), ao analisar a dinâmica territorial de cidades a partir do modelo Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR), cujas etapas são: a) análise da classificação do relevo sub-regional relacionada às localizações dos principais assentamentos humanos (rurais e urbanos); b) levantamento de dados secundários relativos à densidade de ocupação do território em instituições diversas (secretarias municipais, instituto de desenvolvimento agrário do Amazonas, etc.); c) realização de trabalhos de campo com objetivo de identificar e descrever as principais redes de sujeitos locais (economia popular e capital mercantil dominante). d) aplicação de formulários semiestruturados e entrevistas a lideranças do setor pesqueiro, associações de produtores rurais e de comerciantes, para entendimento de como são tecidas as redes de interação entre o rural, o urbano e as redes de cidades; e) análise da expansão urbana e as consequências na configuração da morfologia; f) uso de imagens de satélite e drone para identificação de elementos na análise morfológica; g) elaboração de mapas, tabelas, quadros auxiliando descrição do relevo municipal, sítio e

morfologia urbana. Os critérios de análise do modelo STUR compõem a metodologia e são detalhados no segundo item.

O segundo item aborda a noção de *situação*, onde se demonstra como a circulação regional fluvial insere Nhamundá nas redes urbanas do Amazonas e Pará. Abastecida por produtos dessas redes e apresentando baixa produtividade (rural e urbana), setores relativos ao capital mercantil local têm se beneficiado dessa fragilidade econômica de Nhamundá. As variáveis que influenciam nas alterações morfológicas na sede de Nhamundá são: 1) fluxos de transporte fluvial; 2) aumento da centralidade comercial; 3) presença de subsistemas territoriais e aspectos da economia popular relacionados ao capital mercantil.

No terceiro item apresenta-se resultados e discussões relativos aos elementos da morfologia urbana: o plano urbano e a evolução do plano; as relações do plano com o sítio urbano e a fisionomia urbana. Conclui-se que aspectos físicos da sub-região (relevo e hidrografia) são condicionantes no desenvolvimento da situação de Nhamundá, cujos fluxos primordialmente fluviais e o baixo dinamismo econômico são complementados pela intensificação da circulação de setores populares recém-migrados para a cidade, que sobrevivem através de intensa circulação com as áreas do entorno. As dinâmicas inerentes ao STUR modelam a morfologia urbana juntamente com as ações do capital mercantil, que reforçam a centralidade de Nhamundá enquanto entreposto comercial distribuidor de produtos advindos de redes urbanas externas.

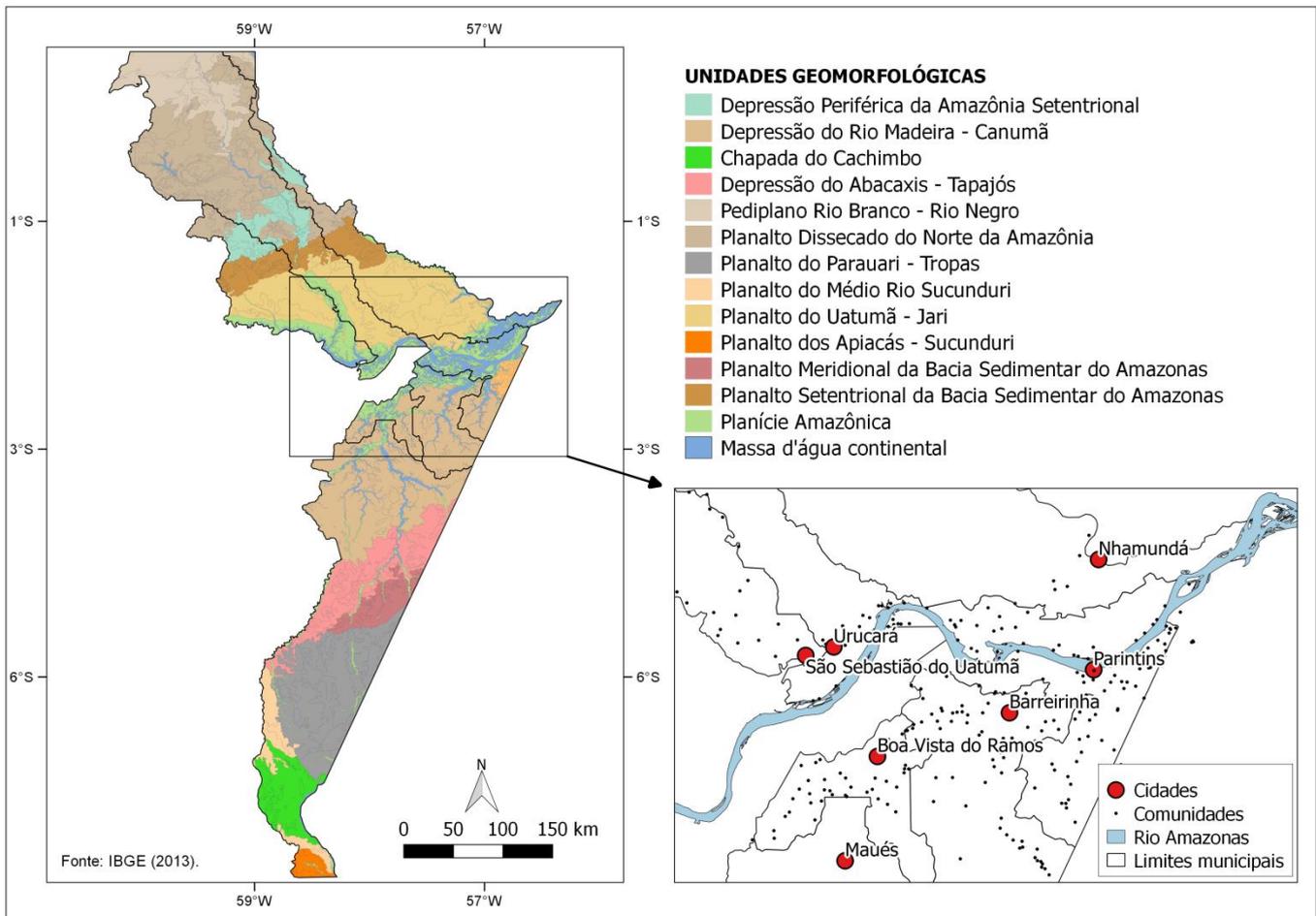
CARACTERÍSTICAS FÍSICAS, SÍTIO URBANO E POSIÇÃO DE NHAMUNDÁ

No estado do Amazonas, o predomínio do transporte fluvial na consolidação de redes urbanas coloca as sedes municipais mais sujeitas às condicionantes físicas do que em qualquer outra fração do território nacional devido à baixa presença de sistemas de engenharia (estradas, ferrovias,

aeroportos, etc.). O intuito do presente item é demonstrar como características de posição, aspectos físicos (relevo e redes fluviais) e sítio são condicionantes na maneira com que se configuram dinâmicas de distribuição da população, usos do solo e redes urbanas em Nhamundá. O termo *posição* designa localização física, já *situação* envolve outros elementos que tornam a posição um fator vantajoso, como a presença de eixos de circulação (GEORGE, 1983).

Isso nos remete a valorizar a análise de características físicas na escala sub-regional, na tentativa de elucidar como esses aspectos se desdobram no plano do espaço intraurbano. Oliveira (2000) defende a tese de que o processo de urbanização não se dá necessariamente pela presença de cidades na paisagem regional (urbanização do território), mas principalmente pela difusão da sociedade urbana, que expande, igualmente, a influência urbana. Para o autor, a generalização do fenômeno urbano na Amazônia é discutida a partir da identificação de processos contraditórios baseados num tripé: a destruição de formas espaciais existentes, a criação de resistências e a reconstrução de formas e conteúdos espaciais dotados de novas dimensões e significados. Portanto, os rios e seus fluxos, as dinâmicas sazonais (cheias e vazantes) são no presente texto caracterizados como elementos importantes na maneira como o processo urbano vem se manifestando na Amazônia.

Localizado na porção oriental do Estado do Amazonas, o município de Nhamundá faz limites com os municípios de Parintins (AM) ao sul, Urucará (AM) a oeste, Faro (PA) e Terra Santa (PA) a leste, e ao norte divisa com o estado de Roraima (Figura 1). Possui extensão territorial de 14.105,6 km² e conta com uma população de 18.278 habitantes (Tabela 1).

Figura 1 – Relevo e distribuição de cidades e vilas na sub-região do Baixo Amazonas

Fonte: IBGE (2013) – Elaboração do Autor.

De acordo com o IBGE (2013), as formas de relevo que compõem o município de Nhamundá se estendem de norte a sul a partir das seguintes unidades geomorfológicas: Pediplano rio Branco - rio Negro, Planalto Dissecado do Norte da Amazônia, Depressão Periférica da Amazônia Setentrional, Planalto Setentrional da Bacia Sedimentar do Amazonas, Planalto do Uatumã - Jari e Planície Amazônica (Figura 1).

A Planície Amazônica constitui-se de uma área alongada, que se estende na direção E-W e tem o rio Amazonas como seu eixo principal. Na Planície Amazônica registra-se um ambiente fluvial complexo com paranás, furos, igarapés, vales fluviais com foz afogada ou rias fluviais, lagos com forma e gênese diferenciadas, diques aluviais, áreas de inundação constantemente alagadas com brejos e

igapós, e cursos fluviais anastomosados com numerosas ilhas (NASCIMENTO; MAURO; GARCIA, 1976).

De acordo com o critério hidrológico utilizado pelo RADAM BRASIL, Nascimento, Mauro e Garcia (1976) classifica-se a planície quaternária do rio Amazonas como “planície fluvial alagada” e “planície inundável”. Assim, a várzea baixa (“planície fluvial alagada”), que em condições consideradas normais do regime hidrológico do rio Amazonas, começa a ser transbordada nos três primeiros meses do ano. Já a várzea alta é classificada como “planície inundável”, cujo transbordamento total pelas águas do rio só acontece durante as grandes enchentes. Tais características condicionam as territorialidades de setores pesqueiros e de criação de gado, como discutido nos resultados da pesquisa. Na cheia, os trajetos fluviais para Parintins feitos por lanchas, são realizados em uma hora. Na seca, aumentam para duas horas, pois os canais e furos dos lagos secam, onde os paranás mais distantes são usados para conectar as sedes. Nas secas extremas de 2009 e 2015 os rios que entrecortam o município de Nhamundá tiveram navegação dificultada com Parintins, favorecendo maior conectividade com Manaus a oeste e Juruti (PA) e Terra Santa (PA) a leste da sede.

O rio Nhamundá caracteriza-se morfologicamente como rio de água preta, percorrendo formações menos propícias a erosão, transportando por esse motivo poucas frações de material em suspensão (SIOLI, 1985; JUNK, 1983). Sua nascente principal encontra-se no Planalto das Guianas e seu perfil longitudinal se estende no sentido N-S até ser represado, no baixo curso, pela planície fluvial do rio Amazonas, onde assume característica de uma ria fluvial, com baixa declividade e desembocadura larga e desproporcional ao restante do canal. A conexão do rio Nhamundá com o rio Amazonas se dá por meio de pequenos furos, lagos e igarapés condicionando os tipos de fluxos e trajetos de embarcações. No período de vazante, as margens da ria fluvial do Nhamundá são formadas por praias de

areia clara e límpida, com alto potencial para o setor turístico, e na enchente as margens são submersas pelas águas.

O sítio urbano de Nhamundá constitui-se de uma ilha de morfologia assimétrica no baixo curso do rio Nhamundá em formato de terraço fluvial, situado acima do nível das enchentes, com exceção de enseadas em alguns trechos das margens, que durante as cheias transbordam e a água avança alguns metros sobre aglomerações de moradias palafíticas. Esse terraço fluvial baixo, cuja superfície horizontal é pouco acidentada, é constituído por depósitos sedimentares mais antigos em relação aos da Planície Fluvial. É modelado de forma ínfima pela erosão fluvial durante as cheias, principalmente nas margens côncavas. Na vazante, o sítio é circundado de depósitos aluviais formando praias e cordões arenosos, nos trechos convexos e a jusante do sítio.

O limite expansivo da ilha totalmente ocupada gerou formação de extensos aglomerados de moradias populares de madeira em áreas de inundação como demonstrado adiante. Acarretou ainda o crescimento de bairros recentes para a cidade vizinha paraense Faro (PA), localizada na margem esquerda do Rio Nhamundá, frontal à sede de Nhamundá. Uma frota de canoas com motor tipo rabeta e botes de alumínio fazem traslado de centenas de pessoas diariamente entre as duas sedes, deixando clara a centralidade comercial e polarização de Nhamundá sobre Faro, que possui base econômica inferior à de Nhamundá. Faro funciona, portanto, como base de moradia (cidade dormitório), aos que diariamente trabalham e circulam entre as duas sedes.

No extremo sul do município, no encontro do rio Nhamundá com o rio Amazonas, predomina um complexo sistema flúvio-lacustre composto de lagos com morfologia e gênese diferenciados, furos, igarapés, paranás, e perfaz um ambiente com alta piscosidade, complexa fauna silvestre e florestas de influência fluvial. Nesse complexo, denominado Macuricanã, anualmente colmatado por intenso processo de deposição de sedimentos, encontra-se grande parte das

comunidades rurais do município (Figura 1). Tanto as populações “rurais” como as “urbanas” estão concentradas nessa faixa sul do município.

A proximidade da sede de Nhamundá dos demais centros urbanos, do rio Amazonas e das principais rotas de embarcações, também incentiva essa maior densidade de populações no trecho sul do município.

A sub-região do Baixo Amazonas², mesmo com significativa presença de populações rurais, possui baixa densidade demográfica de 2,2 hab/Km², sendo que a maior densidade é verificada no município de Parintins com índice de 17,1 hab/Km² e a menor densidade no município de Urucará com 0,6 hab/Km². Apesar do patamar de cidades pequenas (exceção de Parintins considerada cidade média – BARTOLI; SCHOR; OLIVEIRA, 2019), enormes áreas municipais permanecem com baixa densidade demográfica (Tabela 1).

A distribuição entre população rural e urbana também chama atenção. Nhamundá, Barreirinha e Maués são os municípios em que a população rural é mais numerosa do que a urbana. Tais números nos colocam o desafio de pensar uma abordagem relacional que ultrapasse a dicotomia “rural – urbana”, necessitando desenvolvimento de modelos analíticos que forneçam leituras mais complexas sobre a interpenetração, complementaridade e sobreposição, como propõe o modelo STUR apresentado a seguir.

² Denominamos no presente texto Baixo Amazonas, a sub-região de planejamento composta pelos municípios de Urucará, Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Maués, São Sebastião do Uatumã, Nhamundá e Parintins. Urucará e Nhamundá seriam os dois municípios com parte de seu território inseridos na faixa de Fronteira.

Tabela 1 – População rural e urbana, área e densidade demográfica dos municípios do Baixo Amazonas

Município	População residente 2010	Urbana	Rural	Área total Km²	Densidade demográfica Hab./Km²
Parintins	102.033	69.890	32.143	5.952,4	17,14
Barreirinha	27.355	12.418	14.937	5.750,6	4,76
Boa Vista do Ramos	14.979	7.550	7.429	2.586,8	5,79
Nhamundá	18.278	7.010	11.268	14.105,6	1,30
Urucará	17.094	9.886	7.208	27.903,4	0,61
Maués	52.236	25.832	26.404	39.989,9	1,31
São Sebastião do Uatumã	10.705	5.904	4.801	10741,1	1,00

Fonte: IBGE Cidades (2019).

Nesse sentido, uma questão macro surge para as cidades pesquisadas na sub-região do Baixo Amazonas: quais condicionantes físicas (relevo, hidrografia, recursos minerais, etc.) interferem na estruturação da rede urbana, na distribuição e circulação das populações e no ordenamento territorial de cada município?

Mesmo que breves e sucintas, as descrições sobre aspectos físicos, sítio, posição e distribuição da população são importantes, pois sinalizam contextos zonais, areais em que a cidade está inserida. São evidentes os condicionamentos “materiais” (acessos fluviais, proximidade do rio principal, distância de outras sedes, etc.) que condicionam as relações reticulares de Nhamundá. Estas foram estabelecidas historicamente e desenvolvidas através das relações que a cidade estabeleceu em escalas diversas, necessitando, portanto, de uma abordagem relacional que nos ajude a entender sua *situação*.

SITUAÇÃO DE NHAMUNDÁ: REDES REGIONAIS, CENTRALIDADE COMERCIAL E SUBSISTEMAS TERRITORIAIS

A partir de características do relevo e hidrografia que condicionam tipos de fluxos e a distribuição de assentamentos (comunidades que orbitam em torno da sede municipal), levantamos hipótese de que a intensificação do processo de urbanização vem redefinindo a situação de Nhamundá a partir de sistemas territoriais da economia popular e do capital mercantil que estruturam sua morfologia urbana.

Na classificação elaborada pelo IBGE sobre as Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2007), Nhamundá é considerada como Centro Local, cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, servindo apenas aos seus habitantes e estando submetida à influência da metrópole Manaus e de Parintins (Centro sub-regional B). Segundo Oliveira e Schor (2009; 2010) as classificações do IBGE para a entendimento da rede urbana no Amazonas são insuficientes para caracterizar a dinâmica de suas cidades, defendendo outras definições históricas, econômicas, sociais e funcionais para redefinir o estudo das formas e as funções dessas.

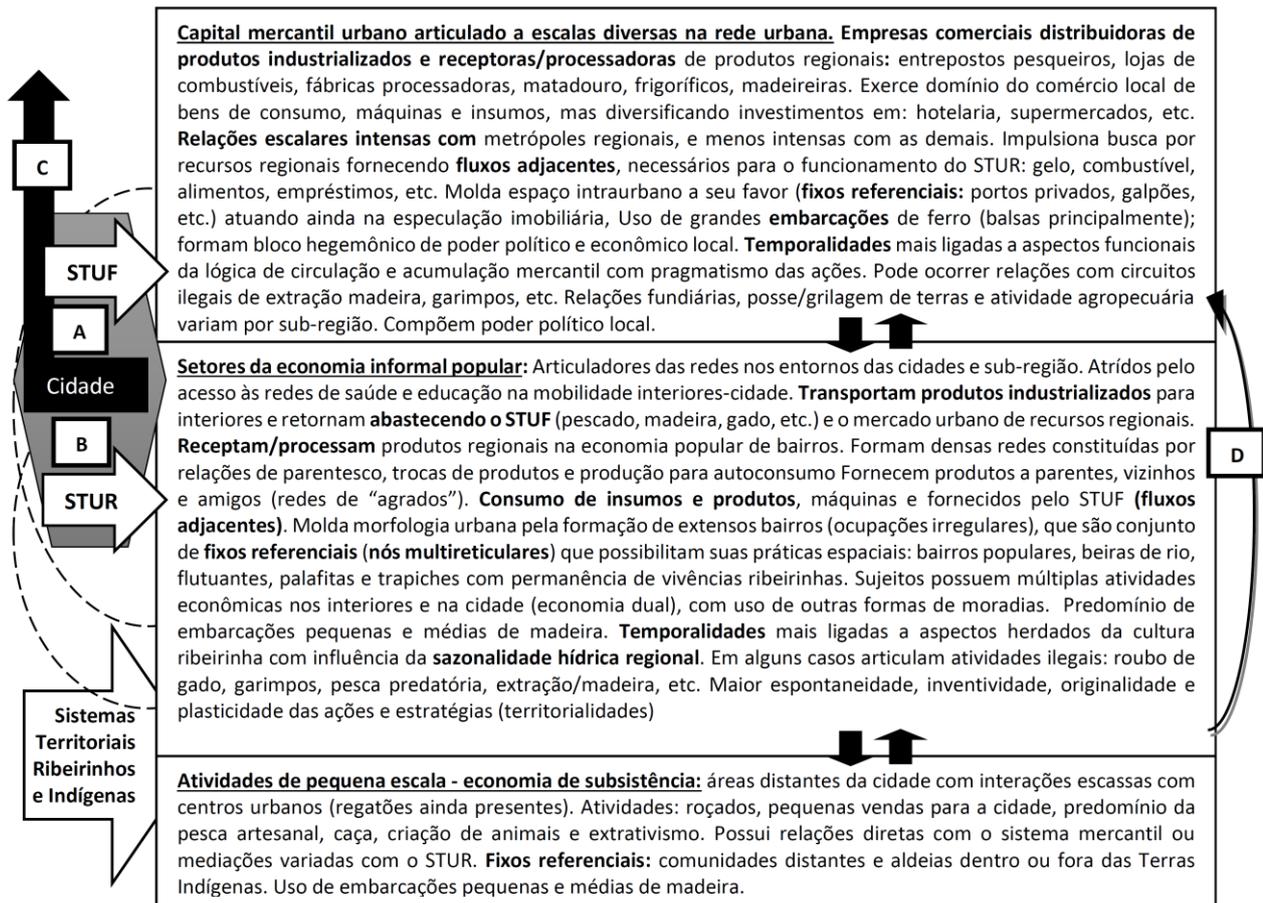
Para construção da tipologia proposta à rede urbana do estado do Amazonas, Oliveira e Schor (2009, 2010, 2011) criaram metodologia de análise a partir de tipologia que abarca parâmetros relacionais que incorporam dados socioeconômicos e demográficos, com aspectos de hidrologia, biogeografia, acesso aos recursos naturais e demais temas de interação sociedade-natureza. Delimitaram ainda alguns arranjos institucionais que poderiam ser analisados em conjunto, visando estabelecer uma hierarquia urbana para essas cidades. Tais arranjos institucionais foram considerados como elementos fundamentais para a consolidação da rede urbana, variando de instituições de educação e saúde aos fluxos de mercadorias (OLIVEIRA; SCHOR, 2009; 2011). Esses estudos não

abarcaram todas as cidades pequenas do entorno de Parintins, fornecendo classificação apenas a Uruará, considerada como *cidade especial*, cuja ausência de infraestrutura impossibilita exercer plenamente as funções urbanas com relações mais complicadas com a calha central do rio, tornam-se dependentes das cidades médias e pequenas de responsabilidade territorial (OLIVEIRA; SCHOR, 2009; 2011) Uruará possui situação muito semelhante com Nhamundá.

Nesse sentido, dialogando com os trabalhos de Oliveira e Schor (2009, 2010, 2011), a proposta metodológica do Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR) apresentada em Bartoli (2017, 2018a, 2018b, 2019a) contribui para analisar como as redes de sujeitos locais de Parintins (AM). Estas vieram se reterritorializando na cidade gerando êxodo rural e intensa circulação entre cidade e interiores. Constata-se que as redes de sujeitos que manejam recursos regionais como coletivos organizados desempenham novas mediações na formação de territórios e territorialidades (BARTOLI, 2017). A partir da formação de projetos econômicos com reformulações organizacionais diversas e maior interação com esferas variadas na cidade (dimensões políticas, econômicas, culturais e naturais), essas redes de sujeitos constituem um padrão de circulação formando redes diversificadas em busca de complementos para a combalida economia urbana.

Estrutura-se, assim, um sistema territorial que conecta a cidade às suas áreas de influência (comunidades, Unidades de Conservação e Terras Indígenas) com papel de destaque às tipologias de embarcações. O STUR está em intensa interação com o Sistema Territorial Urbano-Fluvial (STUF) relativo às práticas espaciais do capital mercantil. Um resumo das características torna-se útil para aplicação do modelo em cidades com dinâmicas ribeirinhas e fluviais semelhantes no baixo Amazonas (Figura 2).

Figura 2 – Fluxograma resumo das interações entre sistemas territoriais mediadores da influência urbana



Fonte: Bartoli (2018a) adaptado.

Legenda:

A - Tensões e conflitos: produção do espaço urbano (ênfase nas beiras de rio). B - Hibridização: elaboração de soluções criativas e adaptações técnicas em instrumentos de trabalho, moradia, tipos de embarcações e outras formas espaciais perceptíveis em bairros populares. C - saltos escalares diversos associado tanto ao capital mercantil, como da economia popular formando redes urbanas. D - extração de recursos regionais (inclusive areia e seixo para construção civil) realizada por grandes empresas comerciais da cidade; não há mediações ou processamento, mantendo sujeitos populares que abastecem tal fluxo em grau elevado de territorialidade passiva.

Dinamizado por populações que se estabelecem nas cidades, moldando espaços intraurbanos e realizando intensos deslocamentos com as áreas de entorno, o papel mediador que o STUR abrange aparece em cinco vertentes: i)

zonal e topológico: conectando a cidade por meio de redes temáticas a pontos diversos do entorno sub-regional através da navegação fluvial; ii) produção e configuração do espaço urbano em bairros oriundos de ocupações irregulares e de fragmentos no espaço intraurbano, constituindo fixos úteis para a navegação (beiras de rios populares, moradias, etc.); iii) econômico dual e complementar: sendo dinamizado principalmente pela economia popular mas em interação constante com as esferas de valorização do capital mercantil dominantes na cidade (saltos escalares ocorrem em relações diversas que ultrapassam a sub-região); iv) organizacional e institucional: outros tipos de coalizão de sujeitos ganham relevância (cooperativas, associações, colônias de pescadores, etc.), mediando ações que se desdobram em práticas sobre o território; v) simbólico-cultural: traços da cultura cabocla e ribeirinha, indígena ou de conhecimentos populares são absorvidos e ressignificados pela inserção ao processo urbano.

Os dados obtidos através da aplicação de formulários a embarcações pequenas e médias pertencentes ao STUR revelam que, assim como em Parintins (AM), em Nhamundá ocorre uma força centrífuga relacionada ao consumo, onde populações de interiores ao aportarem na cidade realizam acessos às “benesses urbanas” (saúde, educação, comércio, etc.), e acabam retornando com uma série de produtos industrializados adquiridos nos comércios locais, configurando aspectos do processo da urbanização extensiva (MONTE-MÓR, 1994). Essa demanda de alimentos no mercado urbano vem alterando cada vez mais itens da dieta regional, sendo marcante a presença de conserva, frango congelado, embutidos e outros produtos industrializados (MORAES, 2008, 2014).

A contínua inserção de Nhamundá no que Monte-Mór (1994; 2004) denomina como *urbanização extensiva*, redefine centralidades que são perceptíveis pela análise da morfologia urbana. A falta de dinamismo econômico das cidades passa a ser complementada pela comercialização de bens de consumo industrializados. Essa urbanização ultrapassa barreiras das cidades

penetrando em todos os espaços regionais pelo apoio da forte presença das relações de produção urbano-industriais. As relações cidade-campo entrariam nessa lógica.

O desafio de elucidar os processos que condicionam e reconstróem a forma urbana, requer reflexão sobre suas funções e dos tipos de inserção da cidade na divisão territorial do trabalho. A estrutura de relações reticulares de Nhamundá a partir de seus sistemas territoriais é condicionada pela *situação* da cidade: “um espaço geográfico relativizado que se molda em função das técnicas, das estruturas econômicas e sociais e dos sistemas de relações. É uma dinâmica processual que leva em conta redes e fluxos diversos a partir de um processo de centralização” (DAMIANI, 2006).

Para Maria Laura Silveira (1999), a noção de situação requer procedimentos metodológicos para análise de uma determinada área de ocorrência, permitindo classificar os principais elementos que constroem as situações:

A situação é resultado do impacto de um feixe de eventos sobre um lugar e contém existências materiais e organizacionais. Inovações técnicas e novas ações de empresas de força diversa, dos vários segmentos do estado, de grupos e corporações difundem-se num pedaço do planeta, modificando o dinamismo preexistente e criando uma nova organização das variáveis. A chamada escala e a situação se confundiriam? (SILVEIRA, 1999, p. 25).

As principais variáveis que reestruturam a situação e influenciam nas alterações morfológicas na cidade de Nhamundá são: 1) intensificação dos fluxos de transportes fluviais; 2) aumento da centralidade comercial; 3) presença de subsistemas territoriais e aspectos da economia popular relacionada ao capital mercantil (modelo STUR).

Intensificação dos fluxos de transporte fluviais:

Com o adensamento dos fluxos via transporte fluvial que geram intensificação das trocas com a rede urbana, as cidades com dinâmicas fluviais e ribeirinhas adaptam e/ou constroem fixos necessários à realização das redes. A consolidação da economia urbana e formação de extensos bairros populares, novas redes se formam em topologias variáveis, que determinam a posição de seus nós e suas condições de acesso às variadas conexões.

Parte das grandes embarcações de ferro pertence a grupos econômicos dominantes de Nhamundá, que assim como os setores mercantis de Parintins, conquistam vantagens nos preços dos produtos importados, o que lhes confere preços mais baixos na competição local. Esse sistema territorial dominante (STUF) necessita das embarcações da economia popular (STUR) para posterior distribuição de produtos para interiores.

A quantidade de produtos que entra no município ocorre por três tipologias de embarcações (Quadro 2): *ferry boats* (FB); navios de ferro (NM - navio motor); barcos de madeira (BM - barco motor). Sendo polarizada por três eixos de competição na rede urbana possuindo maior pujança econômica (Manaus a leste, Parintins ao sul e rede urbana paraense a leste), a entrada de produtos gera desestímulo para investimentos produtivos locais frente à forte competição. Além dos produtos industrializados, alimentos como hortifrutigranjeiros são importados a partir da rede urbana paraense com custos similares aos produzidos localmente, segundo sinalizaram entrevistas em feiras e comércios de Nhamundá. Vale lembrar que Santarém funciona como nódulo de distribuição de produtos advindos do agronegócio no Centro Oeste brasileiro através da BR-163, que a liga a Cuiabá (MT). Isso amplia a penetração de produtos vindos de localidades cujos custos de produção são menores, o que acaba fragilizando ainda mais a economia local incapaz de disputar com preços de mercadorias oriundas dos complexos agroindustriais do restante do país. Notamos em campo

as enormes colunas de cartelas de ovos vindas de Goiás, devido ao alto preço da carne em 2020.

Com a crescente quantidade de pessoas acessando Parintins, as antigas embarcações de madeira estão sendo substituídas paulatinamente por lanchas de alumínio (denominadas como “expresso” ou “a jato”) ou navios de ferro. Os percursos que eram realizados em quatro horas ou mais pelos barcos de madeira foram reduzidos para uma hora ou uma hora e meia, dependendo da sazonalidade. As lanchas que realizam tais percursos revezam horários para atender a população realizando o mesmo trajeto. O desenvolvimento técnico, com presença de motores de barcos e materiais fornecidos por transnacionais (MWM, Honda, Yamaha, etc.), vem contribuindo para alteração dos fluxos e redefinição da centralidade. Barcos de madeira tradicionais fabricados em estaleiros navais rústicos se adaptam cada vez mais às necessidades da dinâmica urbana local com uso de motores modernos supracitados, demonstrando o hibridismo das técnicas “urbano-ribeirinhas” (BARTOLI, 2019a).

A quantidade de lanchas e embarcações de madeira menores (BM) demonstra a intensa polarização que Parintins exerce em sua função de responsabilidade territorial (BARTOLI; SCHOR; OLIVEIRA, 2019). Portanto, tipologias de embarcações sinalizam a maneira com que Nhamundá tem sido inserida no processo de circulação regional, distribuição de produtos e consumo de mercadorias urbano-industriais e agroindustriais.

Quadro 2 – Embarcações que atendem Nhamundá

Tipo /embarcação	Nome da embarcação	Translado semanal
Ferry Boat (FB)	FB Ana Rebeca	Santarém
	FB Nhamundaense	Manaus
	FB Sereia	Manaus
Navio de ferro (NM - navio motor)	NM Cidade de Nhamundá	Manaus
	NM Cidade de Oriximiná	Santarém
	NM Cid. Terra Santa	Santarém
Barco de madeira (BM - barco motor)	BM São Vicente	Parintins
	BM Princesa Gaby	Parintins
	BM Princesa Jack	Santarém
	BM Dona Eva	Parintins
	BM Tio Tavares (sai para)	Parintins
Lanchas	L. Lana Rafaella	Manaus
	Lancha Expresso JG	Parintins
	Lancha Dona Jô II	Parintins
	Lancha Dona Jô IV	Parintins

Fonte: Elaboração do Autor (2019).

CENTRALIDADE COMERCIAL

Mello e Silva (2010) discute a questão da centralidade no contexto do que poderia ser chamado de estruturação/reestruturação produtiva, retomando textos clássicos que evidenciam que as cidades e as estradas criam a região, sendo, portanto, organismos que dirigem o abastecimento regional. A centralidade é considerada como nível de oferecimento de funções centrais por parte de uma determinada cidade para si mesma e para sua região, cujos bens e

serviços centrais são oferecidos necessariamente em poucos lugares centrais (conforme indica a teoria de Christaller – 1968 apud Melo e Silva, 2010).

A combalida economia urbana, insuficiente para suprir atividades que abarquem a população local, cumpre número limitado de funções atendendo populações que realizam deslocamentos semanais para a cidade, formando uma complexa economia popular em interação com os setores dominantes do comércio passíveis de serem entendidos pelo modelo STUR.

Como na maioria das cidades interioranas do Amazonas, Nhamundá não gera receitas significativas pela baixa capacidade de produção/arrecadação, sendo dependente de repasses governamentais. Possui a posição de 45º PIB do Estado (dos 62 municípios), com cerca de 0,14% do PIB de todo o Estado em 2016 (SEBRAE, 2019). Segundo relatório do SEBRAE (2019), o setor público tem papel relevante no desenvolvimento do município, chegando a contemplar 59,02% do PIB local, juntamente com o Setor de Comércio e Serviço (19,22%). Os demais setores que contribuem são o setor Agropecuário (17,44%) e o de Indústria (4,32%). A maioria das empresas formalizadas se concentra nos setores de comércio e serviços. As sete principais atividades desenvolvidas no Município são as de comércio de produtos alimentícios - minimercados; comércio de artigos de vestuário e acessórios; comércios de bebidas; lanchonetes, casas de chá, sucos e similares; entre outros (SEBRAE, 2019). As comunidades mais citadas nas entrevistas que realizam comércio frequente com a cidade, por ordem de grandeza foram: 1 – Cutipanã; 2 – Juruá estrada; 3 – Aldeia Kaçawá (com cerca de 400 famílias); 4 – Santa Maria do Mamuriacá; 5 – Sagrado do Aduacá; 6 – Santíssima Trindade do Aduacá e 7 – Santo Antônio – Mamoriacá.

PRESENÇA DE SUBSISTEMAS TERRITORIAIS E CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA POPULAR RELACIONADA AO CAPITAL MERCANTIL

O processamento de produtos regionais na cidade pelos setores populares da economia movimentada no interior do STUR ainda é baixo. Identificamos em trabalho de campo seis movelarias de pequeno porte abastecendo somente o mercado municipal e a cidade vizinha Faro com móveis domésticos e esquadrias. Quatro pequenos estaleiros navais popularmente conhecidos como Tilheiros fabricam pequenas embarcações de madeira e realizam trocas de tábuas e diversos reparos

Dentro do setor primário, quatro subsistemas territoriais compõem redes de sujeitos que dinamizam interações entre STUF / STUR modelando os fluxos nas redes urbanas em que Nhamundá se insere (quadro 2): pescado, gado, produção de mandioca/farinha e o extrativismo indígena de castanha. Revendo a tabela 1, o predomínio da população rural sobre a urbana tem como base o acesso constante à cidade compondo a circulação do STUR, tendo apoio numa nova realidade: a recente presença de energia nas comunidades abastecida a partir do Programa Luz para Todos nos governos Lula e Dilma (de 2003 a 2016). Isso possibilita maior estocagem de alimentos perecíveis em refrigeradores.

Quadro 2: Principais subsistemas territoriais/ redes de sujeitos de Nhamundá

Subsistema territorial	Características principais	Mediação da cidade/ Influência na morfologia
Indígena	<ul style="list-style-type: none"> Produção de banana, farinha e castanha, esta última com 10.000 hectolitros por ano. 	<ul style="list-style-type: none"> Mediação baixa: ausência de processamento da castanha na cidade que é exportada para cidades do Pará. Venda local da banana e farinha. presença indígena em bairros populares.
Pecuária bovina e bubalina	<ul style="list-style-type: none"> rebanho existente de 22.439 bovinos e 2.868 bubalinos. atividade condicionada pela sazonalidade dos rios. Rebanho triplica na seca recebendo rezes das cidades vizinhas pois possui extensas várzeas no trecho sul municipal. 	<ul style="list-style-type: none"> Mediação: baixa, pois a maioria do gado é exportado/menor parte consumida localmente; presença de exposição (EXPO-NHÁ) e festas relacionadas ao setor. presença na morfologia urbana: comércios especializados no centro, matadouro, parque de exposição. embarcações: balsas e barcos médios.
Pesqueiro	<ul style="list-style-type: none"> piscosidade ao sul da sede municipal é enorme em lagos e rios de água barrenta. presença de espécies migratórias com alta piscosidade em determinados meses do ano. possui dois sindicatos e uma colônia de pescadores. 	<ul style="list-style-type: none"> Mediação baixa: não há processamento local de peixe; necessita de produtos considerados como fluxos adjacentes fornecidos pelo STUF: gelo, gasolina, financiamentos/empréstimos informais, fornecimento de cestas básicas, etc mediações são tímidas, ocorrendo poucos acordos de pesca para resguardar estoques pesqueiros de barcos que invadem a sub-região vindos do Pará e de Parintins (BARTOLI 2019b). presença na morfologia urbana: bairros populares com boxes de venda, vendas no mercado central; fábrica de gelo beira-rio. embarcações: 4 barcos com geleiras de médio porte; maioria pequenos de pesca artesanal.
Produção de mandioca e	<ul style="list-style-type: none"> Sindicato rural possui cadastradas 4.813 pessoas, com 	<ul style="list-style-type: none"> comercialização em mercados e bairros; vendas constantes para a cidade com fluxo contínuo pendular

farinha	2.300 trabalhadores ativos hoje, os demais recebendo aposentadoria rural.	ou sazonal de pequenas embarcações pertencentes ao STUR.
----------------	---	--

Fonte: Elaboração do Autor (2019).

MORFOLOGIA URBANA E SISTEMAS TERRITORIAIS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise empreendida pela morfologia urbana supõe sempre atenção aos elementos básicos que configuram o tecido urbano e aos mecanismos de transformação de suas estruturas. Exige uma aproximação estrutural, que leve em conta os diversos elementos componentes e suas inter-relações e diacrônica, histórica, que dê conta dessas transformações (CAPEL, 2002). Incita a compreensão das relações entre formas, funções, processos e estruturas, sendo a morfologia uma síntese entre esses elementos (CAPEL, 2002, p. 20).

Transformações recentes em cidades ribeirinhas apontam para a redefinição de conteúdos e processos, que podem ser fonte de frutíferas comparações entre cidades dinamizadas por ações diversas pelo Estado, agronegócio, movimentos indígenas, etc. o que Trindade Jr. (2010) denominou como urbanodiversidade. Cada sistema urbano interage com maior ou menor intensidade com seu meio “externo”, trocando informações, sofrendo influência competitiva, reorganizando dialeticamente seus sistemas territoriais. Nesse bojo, as permanências de práticas espaciais, temporalidades e modos de vida tradicionais, são alterados, pois submetidos à constante integração ao global, mesmo em cidades pequenas.

Sistematizados por Whitacker e Miyazaki (2012), os elementos para caracterização em morfologia urbana são fundamentais para análise de cidades com dinâmicas ribeirinhas e fluviais: O plano urbano e a evolução do plano; As relações do plano com o sítio urbano; A fisionomia urbana; A relação entre o que é edificado e o que não é edificado; A densidade da ocupação e Identificação de

áreas morfológicamente homogêneas e heterogêneas. Por possuírem maior relação com os dados obtidos em campo na análise do STUR, trataremos neste texto apenas dos três primeiros elementos:

a) O plano urbano e a evolução do plano: a evolução do plano repete o padrão implantado maioria das cidades do Baixo Amazonas com o predomínio da forma ortogonal. Nhamundá se torna município em 1956 através do desmembramento de Parintins, onde exercia função de pequeno entreposto comercial e base para o sistema de aviação, com trocas de produtos da cidade por produtos extrativistas (AZEVEDO; FILHO, 2013). Elementos de mudança podem ser identificados associados os períodos de expansão da cidade, que começa a se estruturar na década de 1970 com malha ortogonal no centro possuindo vias largas com canteiros centrais hoje arborizados, diferindo dos demais bairros populares criados posteriormente com ruas estreitas, sem arborização e apresentando déficit de espaços públicos. Nessa década foram instalados no centro ao norte do sítio urbano a igreja matriz, cemitério, fórum, câmara e prefeitura e poucos comércios. Ao sul do sítio existia o aeroporto que em 1985 se tornou bairro (Figura 3).

Figura 3 – Estruturação do plano urbano do centro e implantação do aeroporto em 1975



Fonte: Azevedo e Filho (2013)

As crises dos ciclos econômicos da extração do pau-rosa e cultivo da juta após década de 1980 causaram êxodo e formação de periferias com a criação dos bairros Santo Antônio (1980) e Gilberto Mestrinho (1985). Parte desses bairros foi estruturada por conjuntos habitacionais (Figura 4).

A beira rio central corresponde a importante ponto conector da rede urbana com as principais comunidades do entorno municipal assim como com a cidade vizinha Faro (PA). Atualmente possui concentração das principais casas comerciais, prédio da prefeitura, fábrica de gelo, mercado central (feira principal) e hotéis. Muito movimentada sinaliza pela disposição dos produtos que embarcam e desembarca, a complementaridade indicada pela relação STUR/STUF (Figura 4 e 5A).

O período da seca propicia formação de praias não acarretando disputas por locais de atracagem de embarcações. Segundo os proprietários de embarcações entrevistados, na cheia, as beiras centrais tornam-se mais disputadas, com diminuição de áreas para embarque/desembarque. Apenas um trecho no sudeste da ilha é equipado para turismo, com quiosques, palco para shows onde se realiza a famosa Festa do Tucunaré. Alguns hotéis e casarões privatizam boa parte das margens do rio nesse trecho.

Influência do STUF: setores dominantes da cidade se beneficiam da produção do espaço urbano pela posse de terras e acúmulo de capitais via atividade mercantil nas décadas recentes, se consolidando no setor comercial e produção pecuária, estabelecendo domínio político e econômico na cidade até os dias atuais.

Influência do STUR: Constata-se o peso dos setores populares na expansão do plano e na configuração de beiras de rio em ocupações irregulares.

b) As relações do plano com o sítio urbano: Quais características do plano urbano foram influenciadas pelo sítio urbano? É perceptível pela disposição das ruas e lotes na década de 1970 que houve maior preocupação em estruturar a avenida principal da cidade acompanhando a margem leste do sítio Nhamundá (rua Furtado Belém), propiciando mais pontos de acesso e mobilidade junto ao rio. Partindo do terminal hidroviário ao norte do sítio, a rua passa pelo mercado central chegando ao bairro mais recente Gilberto Mestrinho com denominação de av. Souza Filho. Pelo limite da forma insular do sítio, a expansão do bairro Gilberto Mestrinho demonstra arruamentos, quadras e lotes mais estreitos, o que causou adensamento com raros espaços públicos se comparado ao restante da cidade (Figura 4 e 5).

O fluxo de embarcações maiores ocorre frontal às margens leste do sítio (portos, centro, mercado, etc.), conectando também ao porto da cidade vizinha Faro (PA) e demais modalidades da rede urbana. Esse trânsito forma um fenômeno chamado localmente de “banzeiro”, que são as ondas fluviais formadas pela passagem de embarcações ou tempestades. Essas ondas costumam causar colisões entre as embarcações menores que se aglomeram nas margens durante o período das cheias, além de afundamento de canoas que resultam prejuízos aos proprietários. Por isso a margem oeste do sítio, que é uma enseada (margem côncava) é muito valorizada e disputada pela calma das águas menos sujeita

aos banheiros. Nota-se a enorme quantidade de embarcações nessa beira popular do STUR (Figura 4) que possui um mercado popular.

Figura 4 - Síntese de elementos da evolução do plano



A sazonalidade do regime hídrico amazônico causa diversos impactos à vida local. Populações tradicionais passam a usar os espaços modificados nas cidades,

mantendo em certos aspectos, traços culturais ribeirinhos reconstruídos e/ou adaptados ao meio urbano. A privatização de beiras de rios e demais corpos hídricos têm sido constante na contínua expansão do plano, com a população perdendo acesso a esses importantes pontos de conexão com as diversas redes “urbano-ribeirinhas”. A figura 4 evidencia a apropriação desigual das beiras, com não adequação às nuances do relevo, onde a justaposição do plano não se complementa tecnicamente às necessidades locais de mobilidade por transporte fluvial. Raros espaços públicos nas beiras não respondem às condições sazonais, causando disputas por atracagem de embarcações no período da cheia.

Influência do STUF: setores dominantes se apropriam de áreas mais valorizadas e beiras de rio com melhor atracagem, centralidade e navegabilidade. O rio passa a compor simbolicamente signo de status às moradias.

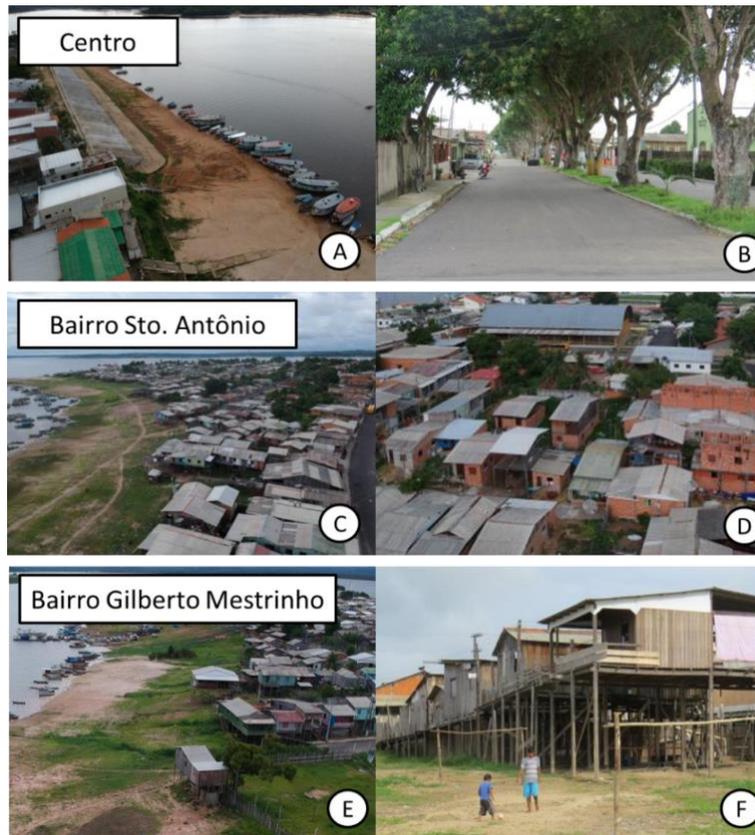
Influência do STUR: setores populares reconstróem e adaptam beiras de rio para moradias palafíticas, estaleiros navais, portos populares e como área de uso múltiplo que inclui o lazer (figura 5 C, E e F).

A fisionomia urbana: Whitacker e Miyazaki (2012) defendem que fisionomia se trata de uma noção, e que poderia ser substituída pelo conceito de paisagem, em seu sentido geográfico. Interpretada como o domínio do visível e analisada em diferentes escalas, a paisagem é o que chega aos nossos sentidos, porém passível de deformações cognitivas e seletivas a cada ser humano. Composta de elementos naturais e artificiais, a paisagem é um conjunto de objetos com idades diferentes, sobrepostos em momentos, explicitando heranças de fases pretéritas (SANTOS, 2008). Evidencia a fragmentação urbana indicando permanência de elementos de ciclos passados e a seletividade do capital mercantil (STUF) na construção do espaço urbano. Diversas formas espaciais “novas” denotam novidades técnicas instaladas na cidade (postos de gasolina beira rio, firmas nacionais e globais, lojas de motocicletas, termelétricas, marinas, etc.), manifestando na paisagem signos e intencionalidades das relações globais,

indicadores da totalidade que o fenômeno urbano está inserido. Outras formas ligadas à economia popular se desenvolvem enquanto adaptações e hibridismos diversos como as existentes em bairros populares: palafitas com antenas via-satélites e repletas de itens de consumo duráveis (eletroeletrônicos, utensílios domésticos, etc.) comércios pequenos multifuncionais, pequenas oficinas de aparelhos celulares, proliferação de espaços de consumo, entre tantas outras manifestações que se expressam na paisagem.

Assim, a paisagem da cidade nos indica estruturas que compõem sua morfologia, arranjos organizados de volumes e subparcelamentos que expressam formas de acesso e propriedade, situados em um determinado porte físico (LANDIM, 2004). Não olvidemos que esses indícios também são determinados por condições culturais e ambientais, onde no caso de Nhamundá as evidências ocorrem em contínuos conjuntos de habitações de autoconstrução e aglomerados de palafitas, gerando enorme densidade habitacional nos bairros Santo Antônio e Gilberto Mestrinho (figura 5 C, D, E, F).

Nesse sentido, a morfologia é a trama física (continente) e a substância social (conteúdo), ou seja, é através dela que se manifesta o conteúdo, pois reflete os estilos de vida, modelos e organização socioeconômicos que se criam através do tempo (MARTÍN, 1991, p. 73). A paisagem nos demonstra que a inserção de objetos está relacionada ao predomínio da troca favorecendo a acumulação do STUF e suas escalas que compõem a totalidade, e ao mesmo tempo, permeada de práticas populares indicando re-existências “urbano-ribeirinhas” nos bairros recentes e suas beiras.

Figura 5 – Aspectos paisagísticos para caracterização da morfologia urbana

Fonte: Organização do Autor (2019).

270

Influência do STUF: Construção de hotéis recentes modernos, comércios maiores, postos e pontões de gasolina. Elementos modernos associados aos fixos: tipo de arquitetura em moradias elitizadas em amplas áreas. A paisagens das beiras de rios são reconfiguradas pela construção de portos privados, galpões e lojas, demonstrando o tipo de especialização que esses setores desenvolvem.

Influência do STUR: beiras de rios com uso coletivo, portos, rampas e flutuantes populares. Extensos bairros com diversos fixos referenciais, pequenos portos informais, aglomerados de palafitas e denso comércio popular com pequenas feiras, boxes de produtos regionais e oficinas de reparos diversos. Beiras dos bairros populares Santo Antônio e Gilberto Mestrinho são repletas de embarcações menores indicando a intensa movimentação cidade-interiores do STUR.

A relação dialética entre STUR e STUF se realiza no uso das formas da cidade enquanto par público/privado, onde as edificações urbanas (fixos) ditam parte das dinâmicas nas beiras de rio em disputa. A necessidade das transações comerciais e a imposição do valor de troca, não anulam as vivências ribeirinhas e a espontaneidade das apropriações e práticas espaciais dos sujeitos que animam o STUR.

Os aspectos sítio/plano/paisagem aparecem como determinantes em cidades ribeirinhas, onde os limites de ocupação são cada vez mais salientados pela dispersão urbana que vem ocorrendo, em grandes áreas de ocupação irregulares com sérios problemas socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos do relevo e hidrografia são de suma importância tanto na distribuição atual da população rural e urbana de Nhamundá, como no condicionamento dos usos do solo e nos limites ao crescimento do plano urbano. As articulações da rede urbana do Baixo Amazonas e Nhamundá se realizam mais pelos fluxos fluviais do que pelas formas modernas como estradas, portos e aeroportos, pouco presentes na sub-região.

As formas de inserção de Nhamundá nas redes urbanas (regional e nacional) tem desestimulado a produção local fortalecendo setores dominantes do capital mercantil. Com renda drenada por outras localidades devido ao consumo de produtos importados de redes urbanas diversas através do transporte fluvial, a posição de dependência econômica consolida a situação hierárquica da sede: papel de entreposto comercial local com funções produtivas quase inexistentes.

Procuramos contribuir para caracterização do perfil urbano de Nhamundá, demonstrando que a intensificação do processo de urbanização se reproduz

localmente pela interação STUF/STUR, se manifestando na morfologia da cidade: i) expansão rápida do plano urbano evidenciando crise econômica regional e atração de populações para a cidade; ii) margens de rio no centro atendendo a rede urbano-fluvial de produtos industrializados posteriormente distribuídos pelas casas comerciais de Nhamundá; iii) bairros populares e suas beiras de rio formam redes urbano-ribeirinhas conectando a sede às comunidades de entorno, semelhante ao que ocorre em Parintins (BARTOLI, 2018a, 2018b).

Interpretar cidades na Amazônia a partir de sistemas territoriais articuladores de fixos e fluxos nos possibilita demonstrar relações de poder, evidenciando a capacidade desigual de influência e funcionamento das práticas espaciais de redes de sujeitos locais, favorecendo o capital mercantil urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, I.G.; FILHO, J.D.M. **Estudo da expansão Urbana da cidade de Nhamundá. Trabalho de Conclusão de curso.** Universidade do Estado do Amazonas: Parintins, 2013.

BARTOLI, E. **O Retorno ao Território a partir da cidade: Sistemas Territoriais Urbano-Ribeirinhos em Parintins (AM).** 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente, 2017.

BARTOLI, E. Cidades na Amazônia, Sistemas Territoriais e a Rede Urbana. **Mercátor**, v. 17, e17027, p. 1-16, 2018a. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e17027>. Acesso em: 12 out. 2020.

BARTOLI, E. Entre o Urbano e o Ribeirinho: Territorialidades Navegantes e Sistemas Territoriais em Parintins (AM). **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p. 169-185, 2018b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/18865>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BARTOLI, E. Territorialidades Urbano-Ribeirinhas: o Sistema Territorial pesqueiro de Parintins (AM). **GeoNorte**, v.13, 2019a. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/5401>. Acesso em: 12 out. 2020.

- BARTOLI, E. Tilheiros: carpintaria naval e sistemas territoriais em Parintins-AM. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 51, Seção especial: Técnica e Ambiente, p. 43-62, agosto 2019b. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/62810>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- BARTOLI, E.; SCHOR, T.; OLIVEIRA, J. A. Cidades Médias na Amazônia: ampliando percepções sobre a responsabilidade territorial de Parintins (AM). **Terra Plural**, v.2, p. 67 – 83, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/13253>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- CAPEL, H. **La Morfologia de las ciudades**. Barcelona: ediciones del Serbal, 2002.
- DAMIANI, A. L. Cidades Médias e Pequenas no Processo de Globalização. *In*: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. CLACSO: São Paulo, 2006.
- GEORGE, P. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. **Regiões de Influências das Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 201p.
- JUNK, W. J. As águas da região Amazônica. *In*: SALATI, E.; JUNK, W. J.; SHUBART, H.O. R.; OLIVEIRA, A. E. de (org.) **Amazônia: desenvolvimento, integração, ecologia**. São Paulo: Brasiliense; (Brasília) CNPq, 1983. p. 45-100.
- LANDIM, P.C. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.
- MARTÍN, A. Z. **El espacio interior de la ciudad**. Madrid: Editorial Síntesis, 1991.
- MELLO e SILVA, S. B. Cidades pequenas e médias: reflexões teóricas e aplicadas. *In*: LOPES, D. M. F., HENRIQUE, W. (org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. 250 p.
- MENEZES, E. S. **Os “piaçabeiros” no médio rio Negro: identidades coletivas e conflitos territoriais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus: 2012.
- MONTE-MÓR, R.L. A Urbanização Extensiva e Lógica de Povoamento. *In*: SANTOS, Milton. et. al. (orgs.) **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, pp. 169-181
- MONTE-MÓR, R. L. A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. *In*: I Seminário Internacional Sobre Desenvolvimento Regional”. **Anais**. Santa Cruz do Sul - RS, UNISC, Out. 2004. 1 CD-ROM.
- MORAES, A. O. Peixe, farinha e frango congelado: rede urbana e alimentação na calha do rio Solimões. *In*: XV Encontro Nacional de Geógrafos (ENG). **Anais**. São Paulo: 2008. 1 CD-ROM.

- MORAES, A. Embalando Mercados em Redes Urbanas: alimentação e pesca articulando cidades na Amazônia brasileira. *In*: SCHOR, T. (org.). **Dinâmica Urbana na Amazônia** – vol. 1. Manaus: Valer, 2014.
- NASCIMENTO, D. A; MAURO, C. A; GARCIA, M. G. L. Geomorfologia. **Projeto RADAMBRASIL**: Folha SA.21 - Santarém. Rio de Janeiro: DNPM, 1976. p. 131-198.
- OLIVEIRA, J. A. **Cidades na Selva**. Manaus: Valer, 2000.
- OLIVEIRA, J. A. SCHOR, T. Manaus: transformações e permanências, do forte a metrópole regional. *In*: Edna Castro. (Org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2009, v.1, p. 41-98.
- OLIVEIRA, J. A. SCHOR, T. Urbanização na Amazônia: o local e o global. *In*: Adalberto Luis Val; Geraldo Mendes dos Santos. (Org.). GEEA - **Grupo de estudos estratégicos Amazônicos – Caderno de Debates**. Manaus: INPA, 2010, v. III, p. 147-189
- OLIVEIRA, J. A. SCHOR, T. Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na Amazônia brasileira. **Acta Geográfica** (UFRR), v. 10, p. 15-30, 2011.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6 ed. São Paulo: Edusp – 2008.
- SANTOS, H. G; JACOMINE, P. K. T; ANJOS, L. H. C; OLIVEIRA, V. A; LUMBRERAS, J. F; COELHO, M. R; ALMEIDA, J. A; CUNHA, T. J. F; OLIVEIRA, J. B. **Sistema de Classificação de Solos**. 3 ed. Brasília, DF: EMBRAPA, 2013. 353 p.
- SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **Brasil**: território e sociedade no limiar do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SEBRAE/ AM - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Amazonas. *In*: **Perfil dos Municípios do Estado do Amazonas**, 2019. ONLINE: www.datasebrae.com.br/am. Acesso em: 10 fev. 2021.
- SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, ano IV, n 6, jan./jun. 1999.
- SIOLI, H. **Amazônia**: fundamentos de ecologia da maior região de florestas tropicais. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985. 72 p.
- TRINDADE JR, S. C. C. Diferenciação territorial e urbanodiversidade: elementos para pensar uma agenda urbana em nível nacional. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, Grupo de Estudos Urbanos, v.7, n.12, p.227-225, 2010.
- WITACKER, A.; MIYAZAKI, V. O estudo das formas urbanas no âmbito da geografia urbana. Aportamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2, dez. 2012. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Pág.307 a 327.

Submetido em: 09 de agosto de 2022.

Aprovado em: 08 de maio de 2023.

Publicado em: 12 de julho de 2023.